

SIMPLES HISTÓRIA DE UM CÃO

CRUZ FILHO

E' bem provavel que mais de uma das pessoas que tiver oportunidade de ler a presente narrativa lhe recuse o devido crédito. Estamos numa época de homens céticos.

Chamo-me Doroteu da Cunha. Não sou, como a grande maioria dos meus contemporâneos, um espírito visionário. Tenho vivido, devo dizê-lo preliminarmente, ombro a ombro com a mentalidade do meu século, cuja característica primacial me parece ser certa dúvida metódica no que entende com os grandes problemas da Natureza.

Muito cedo, após a conclusão dos meus estudos de humanidades, comecei a sentir-me avesso às crenças tradicionais dos meus maiores, volvendo de preferência a atenção para as vozes plenas de jactância e sugestões da ciência e da filosofia do meu tempo. Fiz-me, assim, o que se chama um «livre pensador».

Tendo fixado residência no Alto-Purús, depois de um estágio no sul do país, alí viví mais de dezesseis anos, sem contudo haver realizado os sonhos ambiciosos que me impeliram para aquelas remotas paragens. Cerca de oito anos depois do falecimento de meu pai, ocorrido no Ceará, volví à terra natal, em agosto de 1907, e então tive o ensejo de visitar a velha fazenda paterna, situada no sertão de Inhamuns, a qual coubera, na partilha dos bens do morto, à minha irmã Cristina, hoje viuva de Catulo Xisto, que foi por longo tempo consul do Império da China na capital do Estado.

E' indizível a comoção que experitamos ao re-ver, após dilatada ausência, os sítios que conservam reminiscências e recordações dos entes que nos foram caros na vida e em que a nossa infância e ado-

lescência se desvaneceram no impreciso e no irrecuperavel do Tempo. Em tais crises da memória sentimo-nos como que atônitos e confusos na estrada da vida, entregues ao afinco vão de reconstruir, mentalmente, fatos, coisas e pessoas de outrora, cujas imagens foram mais ou menos dissolvidas com as células cerebrais que as retiveram um dia. Dir-se-ia que cada horizonte, cada montanha, cada árvore, cada rocha, nos querem ensinar a convicção íntima de que guardam qualquer coisa que ali ficou de nós, qualquer parcela imponderavel dos que se foram irremissivelmente para o silêncio tenebroso da morte e do olvido. E, simultaneamente, à feição de erráticas faíscas, sulcam-nos os recessos da alma vagos, imprecisos remorsos, como distantes ecos acusmáticos cujas causas nos escapam à indagação retrospectiva.

Tais foram as emoções que me empolgaram o espírito ao repisar a velha e conhecida estrada que vai ter à fazenda que pertenceu a meus pais, e ao ver surgir, como se surgisse inopinada e milagrosamente do fundo do passado, na diafaneidade da manhã que começava a rosar o anil esmaecido do céu, o vulto inolvidavel da casa paterna, com o seu mesmo aspecto melancólico de outrora, sobrevivendo, firmada nos seus muros de pedra, às criaturas que à sua sombra viveram, sorriram, amaram e morreram. E' nesses raros momentos que a palavra Morte, subtraindo-se ao seu conceito restritamente biológico, adquire, para nós, como que a plenitude da sua significação e realidade. Dir-se-ia que então o gênio taciturno de Antero de Quental baixa até a nossa alma para dizer-lhe misticamente ao ouvido :

Não-ser, que és o ser único, absoluto !

Não obstante o sugestivo espetáculo do próximo nascer do sol sobre a planície sertaneja e a efusiva alegria de, em breve, abraçar a minha irmã pela primeira vez após o terrível golpe da morte de nosso pai, lágrimas irreprimíveis subiram-me aos olhos, emanadas das fontes puras do coração.

Cheguei, afinal. Em torno, entre coisas irreconhecíveis agora, velhos aspectos, antigos objetos conhecidos e amados fizeram-me pulsar mais intensamente o coração, como se tudo—paredes, moveis,

árvores, ambiente familiar—corresse a interrogar ao filho pródigo:—*Então, voltaste ainda ?*

À frente da casa, com a sua superfície enrugada pelas encíclias faiscantes produzidas pela carícia da brisa matinal, a toalha argêntea das águas do grande açude da fazenda resplandecia ao sol, dentro do amplo círculo do matagal enfezado das margens, a essa época do ano já com uns toques de oiro na folhagem, precursores do longo verão que se aproximava. Ao lado direito do casarão, estendendo ainda sobre o telhado os seus braços carregados das fadigas de tantos anos, pareceu-me mais rugoso e mais decrépito o versudo tamarindo patriarcal, a cuja sombra remansosa, durante os mais belos dias da minha vida, brinquei, criança ainda, com as minhas irmãs, hoje casadas e dispersas, e com aquela (tavanês, inolvidável sílfide dos bosques!) que, mais tarde, acordou em mim, pela primeira vez, o monstro shakespeariano de olhos verdes que tem a sua sede no coração do homem.

Minha irmã Cristina, talvez mais bela e robusta agora, e meu cunhado Xisto, agora irrevogavelmente sertanejo e emancipado do opróbio dos negócios do Império Chinês, viam ali, sob aqueles tectos veneráveis, crescer quatro radiosos pequenos, cada qual mais gárrulo e travesso, que iriam prorrogar, na eternidade, a vida da árvore avoenga, que o sopro da morte abatera, como a um roble centenário.

—Só eu—pensava então comigo—, no meio do concerto harmonioso da Criação, me deixava ficar à margem da vida, a vegetar num retiro longinquo, aonde chegam amortecidos e insonoros os ecos do mundo, desprendido dos laços amoráveis da família e com a alma esteril artificialmente pintada com o verniz de civilizações alienígenas e saturada de teorias metafísicas sobre a fisiologia íntima das sociedades humanas e o téleo-mecanismo imperscrutavel da Natureza visível!

Entreí no velho solar patriarcal. As salas, as grandes salas de outrora, pareceram-me estreitas e acanhadas; os tectos, mais baixos e escuros; a mobília, mais pobre, mais arcaica. Na sala de visitas, pintada de novo e menos austera do que em outros tempos, a efígie de meu pai, ao lado da de minha mãe, punha uma nota de vida antiga, que era antes de

morte, naquele ambiente santificado pela veneração e pela saudade. Atentei em tudo o que me cercava ali —paredes, moveis e quadros. Tomei, maquinalmente, de um velho livro que dormia poeirento e esquecido sobre uma mesa, e folheei-o ao acaso. Eram versos—versos românticos de outra idade, caídos também no esquecimento. Até as obras de arte envelhecem e morrem, como nós e as coisas envelhecemos e morremos! Li a primeira estrofe do poema que se me deparou :

Eu tinha um cão. Chamava-se Veludo.
Magro, asqueiroso, revoltante, imundo,
Para dizer numa palavra tudo,
Foi o mais feio cão que houve no mundo.

E, logo, por subitânea associação de idéias, me veio à memória o *Kruger*, o venerando cão da fazenda, que enchia outrora com os seus alarmes platonicos o silêncio das grandes noites sertanejas, montando guarda à casa patriarcal.

Interrogada por mim sobre o destino do nobre animal, que ali repercutira, com o seu nome, um eco longinquo do heroísmo dos bures no sul da África, deu-me Cristina êste necrológio lacônico :

—Ficou furioso, e o Catulo mandou matá-lo.

Com isto e o mais, o resto da minha revista às diversas dependências da casa reduziu-se a uma dolorosa exumação de saudades e melancolias.

* * *

Era em fins de agosto. A noite estava plácida e silenciosa. O crescente da lua, remoto e avaro, descia para o ocaso, cedendo o campo celeste à multidão inumeravel das estrelas, que, nas límpidas noites do sertão, se tornam prodigiosamente visíveis. Já tarde, após a longa e evocativa palestra familiar à calçada, tão comum nas casas sertanejas, tive de recolher-me ao quarto que me fora destinado, o antigo «quarto dos hóspedes»—aposento conhecido desde Eurípides nas habitações gregas, que aquí ficava situado no ângulo esquerdo do prédio. Foi nessa ocasião que atentei, com um sobressalto interior que nunca havia experimentado, na grande figura luminosa do Escorpião, de mim tão canhecida outrora,

com a sua cauda recurva num gesto irritado e o sangrento coração à mostra, a pairar inacessível nas alturas do zênite, sob a faixa esbranquiçada da Via-Látea, como que a escarnecer, do alto da sua eternidade sideral, do efêmero das coisas terrestres.

E foi, então, que se passou o caso mais extraordinário que registei em minha vida...

Fatigado da longa caminhada a cavalo, não tardei a adormecer. O pensamento, porém, enquanto o corpo jazia inerte, tomou o seu vôo estonteado. Achei-me logo no Purús, em cujas aguas viajei demoradamente em companhia de uma personagem estranha, que soube depois ser o alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes; entretive demorada palestra horas depois com o Visconde de Barbacena (Luiz Antônio) sobre a Rússia soviética e a evolução do pensamento filosófico no século XVIII; e assistí em seguida, com o mesmo titular, ao espetáculo maravilhoso das cataratas do Niágara, invertendo ou baralhando assim, inverossimilmente, as épocas históricas e as mais positivas conquistas da geografia física do Planeta. Por fim, na altura do sonho em que meu pai, sobrenaturalmente pálido, o rosto apado e o andar trôpego, com a expressão de uma dilacerante angústia estampada nas feições, se aproximava de mim, dirigindo-me palavras ininteligíveis, e me apresentava uma caveira humana manchada de sangue, despertei. E, no mesmo instante, como uma continuação do estranho pesadelo, ouvi fora um como grunhido pungente e sentí o quase imperceptível esforço de alguém que procurava forçar a porta do aposento. Resolutamente dei luz ao candeeiro e, tomando do revolver que havia deposto à cabeceira, abrí-a nervosamente. Foi então que vi, à luz agonizante da lua ocídua — ah! reconheci-o inolvidavelmente! —, o vulto espectral do pobre *Kruger*, num flagrante assombroso de identidade, a fugir pela noite, bamboleando o corpanzil negro, até desaparecer por completo, com o mesmo gemido surdo, na sombra do arvoredado próximo.

Ante o estupefaciente fenômeno afluíram-me aos lábios, se não cheguei a pronunciá-las positivamente, estas palavras de invocação :

—O' deus todo poderoso dos pródigos e dos desludidos, dá-nos a nós o nefentes da paz e do es-

quecimento para sossegar-mos as nossas amarguras e, com cadeados de aço, ó inefavel Hipnos ! cerra as loisas das sepulturas, afim de que os duendes dos nossos remorsos e da nossa sensibilidade não ressurjam das trevas da noite para atormentar-nos com a revelação da existência objetiva de um reino estranho, povoado de espetros aflitos, aos quais nem os dedos estranguladores da Morte lograram impor silêncio e repouso !

Ao entardecer do dia seguinte, sem ter conseguido formular uma justificativa plausivel do meu súbito regresso, perante os meus parentes, deixava eu para sempre o velho casarão de meus avós.

(Do livro inédito «O Cisne de Leda»)
